

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

LITTERATURA E ARTES

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Lamego, aprovando o Mez de Outubro consagrado a N. S. do Rozario: —Secção Religiosa: A União Catholica—A Vos da Egreja atravez os labios do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Pevga; Estudos Bíblicos—Os Proverbios, por J. C. de Faria e Castro; As Damas de Caridade, por R.—Secção Scientifica: A Egreja catholica e a medicina, discurso n'uma aademia.—Secção Historica: A Filha de Jephthé, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: Infames, ignorantes, ou uma e outra cousa? por Elias de Sampaio.—Secção Litteraria: Festa de Pentecostes, ou do Espirito Santo. I Hymno; II Sequencia, por Faria e Castro; A' memoria de minha amiga Guilhermina de Sá Azevedo, poesia, por Maria Augusta.—Secção Illustrada.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.*

APPROVAÇÕES

O MEZ DE OUTUBRO OU O MEZ DO ROZARIO

Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
Bispo de Lamego, approvando este bello livrinho

Dom Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo de Lamego, Prelado assistente ao Solio Pontificio, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, etc.

Fazemos saber, que tendo lido e examinado um livrinho, intitulado—O MEZ DE OUTUBRO CONSAGRADO A NOSSA SENHORA DO ROZARIO, traduzido do italiano sobre a versão franceza do Conego Halles, pelo Presbytero M. F. dos Santos Peixoto, impresso e á venda em Guimarães, editor Teixeira de Freitas; e considerando que no mesmo livrinho se encontra e propõe para exercicio e uso dos fleis um louvavel, recommendavel e piedoso methodo e modo de rezar o Santissimo Rozario com fructo e proveito dos que praticam esta devoção com as disposições devidas; considerando que no dito livrinho se encontram os subsidios da preparação, considerações, meditações, orações, jaculatorias e preces proprias para conciliar a attenção e devoção dos fleis no exercicio e reza do Santissimo Rozario; considerando, finalmente, que o fructo das obras meritorias é tanto maior, quanto mais intensa for a boa disposição da alma e união da creatura com o Creador, com a Santissima Virgem e toda a corte celestial; annuindo do melhor grado ao pedido do editor: approvamos a doutrina, leitura, uso e exercicio do mencionado livrinho, cuja aquisição muito recommendamos aos fleis da nossa Diocese para sua propria utilidade e salvação.

Dada no Paço Episcopal de Lamego sob Nosso signal e sello aos 10 de dezembro de 1886.

✠ A. Bispo de Lamego.


GUIMARÃES 30 DE MAIO DE 1887

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Arcebispo de Perga

(Continuado do n.º 14)

 *bom exemplo* primeiro que tudo e acima de tudo! Sem isto, difficil será que não ligue o resto perdido. O Mestre, o Parocho que não fôr espelho de virtudes, a que possam compôr-se alumnos e freguezes, será semelhante á mulher d'Ulysses, que des-tecia á noite a teia que urdira durante o dia.

Que importa prégar a sã doutrina, ser prompto na administração dos sacramentos, cuidadoso no aceio do templo, exacto no registro parochial; que monta aconselhar, ensinar, exhortar, tractar bem a todos; se faltar ao Parocho a sanctidade de vida, e cada um dos freguezes poder dizer-lhe: *Medice, cura te ipsum* (1)? Se a palavra move, o exemplo arrasta,—diz o conhecido gnoma. E como, pela nossa depravada condição, mais facilmente imitamos e seguimos o mal do que o bem, quem póde calcular os funestissimos damnos que a vida escandalosa d'um cura d'almas produzirá na freguezia!...

Perturba-se-Nos o espirito, confrange-se-Nos o coração, quando medilâmos nas deplorabilissimas consequencias do escandalo d'um Sacerdote, e mormente d'um Parocho...

Ah! Pastores indignos! Quem sabe quantas almas se precipitarão no abysmo eterno por vossa culpa!... Que responsabilidade tremenda! Que rigorosas contas vos tomará o Justissimo Juiz pelo seu sangue malbaratado, pela sua paixão e morte frustrada, pelas suas graças perdidas por causa da vossa indignidade! *Redde rationem villicationis tuae* (2).

Pensae bem nisto, amados cooperadores, Nós vol-o rogâmos pelas entrannhas de misericórdia do nosso Deus, pensae bem na conta que haveis de dar das almas de vossos filhos espirituacs, das ovelhas remidas com o sangue do Cordeiro immolado na Cruz!

Se é vontade de Deus que todos os homens sejam sanctos,—*Haec est voluntas Dei, sanctificatio vestra* (3),—com quanto maior razão não deve trabalhar na sua sanctificação aquelle a quem CHRISTO Senhor Nosso constituiu

seu ministro e dispensador dos seus mysterios (1), aquelle a quem elegeu para que faça perduraveis fructos de benção (2), aquelle a quem tirou d'entre os homens para que em nome e em favor d'elles offereça sacrificios em expiação dos peccados (3), aquelle enfim a quem os Sanctos Padres chamam *hominem divino, Deus terreno, um outro CHRISTO!*

Poisque Nos não é dado dirigir-vos pessoalmente a palavra, a todos vós, a quem muito amâmos no Senhor; sirva ao menos este meio para vos bradarmos com o Apostolo: *Somos templos do Deus vivo, somos filhos predilectos e ministros escolhidos do Redemptor, temos destinada no céu una corôa de gloria immortal; já que, portanto, recebemos tam preciosas promessas, purifiquemo-nos de tudo o que mancha o corpo e o espirito; aperfeiçoemos a obra de nossa sanctificação no temôr de Deus* (4).

São tantos os meios que para esta sanctificação Deus nos proporciona! Recordar-vos-emos dois somente: a digna e frequente celebração do Sancto Sacrificio da Missa, e a attenta e devota recitação do officio divino. Elles sós por si bastam a elevar um Padre ao maior grau de sanctidade.

Mas (quanto Nos magôa dizêl-o!) tem chegado por vezes á Nossa noticia quem nem todos os Sacerdotes d'este Arcebispo ponderam e avaliam na devida estimação estas obrigações tam graves, estes recursos tam proveitosos... As irreverencias, a precipitação, a incuria na celebração do Augustissimo Sacrificio do Altar; a desattenção, o frequente desleixo, ou quiçá habitual omissão da recitação das horas canonicas não são, segundo informações que cremos verdadeiras, não são infelizmente cousas desconhecidas entre o Clero Eborense, incluído o da Metrópole! Seja cada um de vós juiz de si proprio nesta causa: reflecti no imperio de taes deveres, pezae a gravidade de taes culpas, proferi vós mesmos a sentença!

E como poderemos nós pelejar o bom combate nestes dias angustiosos, em que o inimigo cerra fileiras, e nos pretende esmagar sob o pèzo de suas legiões, se não procurarmos a fôrça e a corageni, a inspiração e a luz na ora-

ção e no Sacrificio Eucharistico? Como poderemos prolligar os erros e extirpar os vicios, se não formos haurir a graça a esses mananciaes celestes? Debalde pretenderiamos curar cegueiras e reformar costumes com os meros recursos naturaes. JESUS CHRISTO nol-o advertiu claramente: *Sine me nihil potestis facere* (1). Sem as armas de luz de que fala S. Paulo (2), mal nos iria em des-cermos á arena a terçar com as mil fôrmas que a descrença e a impiedade revestem, e com as potentes máchinas de guerra que empregam.

Entre estas, ha uma em nossos dias sôbre todas funesta e temerosa: é a imprensa periodica, quando ella desvirtua a sua util e nobre missão, e de claro luminoso se troca em facho incendiario.

Ponderae bem, charissimos cooperadores e irmãos, e tomae como dirigidas a vós as palavras que o Vigario de CHRISTO escreveu a este respeito na Encyclica que vos enviámos:—«Conheceis os tempos: por um lado os homens são arrebatados por um desejo insaciavel de ler; por outro uma grande affluvião de escriptos depravados espalha-se desafortadamente: apenas se póde dizer quão grandes offensas e quão grandes estragos ameaçam todos os dias por causa d'isto a honestidade dos costumes e a inteireza da Igreja. Logo pois, exhortando e admoestando por todos os meios e por todos os modos que tiverdes á mão, perse-verae, como fazeis, em retrahir os homimens d'estas fontes corrompidas, e conduzil-os ás aguas salutaes (3).»

Para entrar nestas vistas do Romano Pontifice, Nós vos recommendâmos e pedimos com o maior encarecimento que não só eviteis, ao menos por vossa parte, concorrer com vossas assignaturas para se sustentarem jornaes irreli-giosos e outras publicações impias ou immoraes; mas procureis, segundo vossa possibilidade, auxiliar e proteger os periodicos catholicos (especialmente os que se absteem de politica partidaria), diffundir entre as familias christãs a leitura d'elles, e mais e melhor ainda a dos muitos opusculos singelos e baratos de propaganda catholica que benemeritos editores teem dado á luz pública.

E' necessario, é indispensavel aproveitar em prol da verdade e do bem os meios de vulgarização, a grande publicidade da imprensa, de que abusam o erro e o mal. *Noli vinci a malo, sed vince in bono malum* (4).

Ha particularmente uma classe de jornaes (bastante divulgados — ainda

(1) *Sic nos eximitet homo ut ministros Christi, et dispensatores mysteriorum Dei* (I Cor. IV, 1.)

(2) *Ego elegi vos, et posui vos, ut eatis, et fructum afferatis, et fructus vester maneat* (Joan. XV, 16.)

(3) *Omnis pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis que sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis* (Heb. V, 1.)

(4) *Has ergo habentes promissiones, charissimi, mundemus nos ab omni inquinamento carnis et spiritus, perfectentes sanctificationem in timore Dei* (II Cor. VII, 1.)

(1) Luc. IV, 23.

(2) Luc. XVI, 2.

(3) I Thess. IV, 3.

(1) Joan. XV, 5.

(2) Rom. XIII, 12.

(3) Encycl. pag. 11.

(4) Rom. XII, 21.

mal! — em algumas povoações d'esta provincia) que julgam necessario christianizar o povo para lhe inculcurem idéas subversivas e theorias nefastas na ordem politica e social, e para advogarem uma fórma de govêrno, que dizem a mais avançada, a mais genuina fórmula do progresso. . . Triste systema, desgraçada eschola, que deturpa uma idéa em si mesma licita, e a que o Catholicismo não se oppõe nem pôde oppôr-se em absoluto! (1) Triste systema, desgraçada eschola, que para fazer vingar suas pretensões reconhece indispensavel arrancar do coração do povo a serena luz da fé, as suavissimas consolacões da Religião, a esperança em uma vida futura, onde serãõ reparadas as iniquidades dos homens, consolados os que resignadamente choram na indigencia e nas amarguras d'este exilio (2), e retribuidas com infallivel justiça, sem accepção de pessoas, as nossas boas obras!

Procurae desilludir os povos d'essas fallazes promessas dos seus fementidos amigos; e fazei-lhes ver que vão errados os que buscam a felicidade fóra do maternal seio da sancta Religião de JESUS CHRISTO, e que (como diz LEÃO XIII) a Igreja subministra ao Estado muitissimos e grandissimos auxilios para o bem do povo e tranquillidade pública (3).

Pois não é a Igreja a perpetuadora da missão salvifica e beneficentissima d'Aquelle que veio trazer à terra a justiça, a redempção, a felicidade, a concordia, o amor; d'Aquelle cujo nascimento foi annunciado pelos anjos com éstas dôces palavras: *Gloria a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade?*

E já que está proxima a festiva commemoração annual d'este acontecimento tam jubiloso para a humanidade inteira. Nós vos pedimos, irmãos clarissimos, que aproveiteis esses dias de graça e benção para renovarvos sanctamente a vossa vida, para renascerdes espiritualmente em JESUS CHRISTO, despindo os mãos habitos, as tendencias ruins, os affectos depravados do homem velho; e revestindo-vos do espirito do Homem-Deus, imitando as virtudes que Elle no Sancto Presepio exemplificou, — a pobreza, a humildade, a obediencia, a abnegação, «e principalmente essa que é mãe ou companheira das outras virtudes, a charidade (4).»

(1) «E' licito a qualquer, honesta o legitimamente, defender o seu parecer em materias meramente politicas, contanto que não repugne com a Religião e com a justiça.» (Encycl. pag. 7.)

(2) *Beati qui lugent: quoniam ipsi consolabuntur* (Matt. V, 5.)

(3) Encycl. pag. 7.

(4) Encycl. pag. 11.

«Nós portanto vos exhortamos (remataremos com éstas graves expressões do Doutor das Gentes) a que não recebareis a graça de Deus em vão; porquanto Elle diz: *Eu te ouvi no tempo propicio e te ajudei no dia da salvacão.* Eis aqui agora o tempo propicio, eis aqui agora o dia da salvacão. Não dando a ninguém occasião alguma de escandalo, para que não seja vituperado o nosso ministerio; antes mostremo'-nos em tudo como ministros de Deus, na muita paciencia, nas tribulações, nas necessidaes, nas angustias, nos açoutes, nos carceres, nas sedicões, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; na castidade, na sciencia, na longaninidade, na mansidão, no Espirito Sancto, na charidade não fingida; na palavra de verdade, na virtude de Deus, pelas armas da justiça (1).»

Permitta o Divino Infante que as nossas paternaes exhortações sejam por vós todos ouvidas com docilidade; e que a nossa voz indigna, mas affectuosa, de Pastor encontre echo em vossos corações e correspondencia em vossas obras!

E digne-se o Verbo por nosso amor humanado derramar sobre vossas almas a plenitude de suas benções preciosas, de seus auxilios divinos; para que, fiéis à vossa vocação, desempeñeis cabalmente os arduos deveres do vosso ministerio, e possais, depois d'estes breves dias de provação e combate, receber a immarcescível «corôa da justiça reservada aquelles que com amor e confiança esperam a segunda vinda do Redemptor (2).»

Eis as NOAS FESTAS que cordialmente vos desejanos.

Seja ésta nossa Carta Pastoral registrada na fórma do estylo, e remetida a todo o Reverendo Clero d'este Arcebispado; devendo os RR. Parochos ler a Carta Encyclica que juncta receberão, à estação da Missa Conventual de um ou mais dias sanctificados.

Dada em Evora, no Paço Archiepiscopal, sob Nosso signal e sêllo de Nossas Armas, aos 21 de Dezembro de 1886.

(Logar X do sêllo).

† Augusto, Arcebispo de Perga.

Monsenhor Joaquim Augusto da Fonseca,
Secretario.

(1) II Cor. VI, 1—7.

(2) II Tim. IV, 8.

Estudos Biblicos

Os Proverbios

(Continuado do n.º anterior)

Os Proverbios, ordinariamente cada sentença apenas occupa um só versiculo; e muitas vezes até, está o versiculo dividido em duas partes contraditorias pelo pensamento ou pelas palavras.

E' por isso que no capitulo XXVIII, v. 1, Salomão descreve o terror do impio e a paz imperturbavel do justo:

«O impio foge, sem que ninguem o persiga: o justo porém como o leão affouto, estará sem terror.»

Muitas vezes esta contradicção de pensamento está no seguinte versiculo, e então as idéas tomam maior desenvolvimento:

«Aquelles que dizem ao impio: Tu és justo: amaldiçoal-os-lhão os povos, e detestal-os-hão as tribus.

«Aquelles que reprehendem, serão louvados: e virá sobre elles a benção (1).»

Tal é a dupla fórma sob a qual se apresentam geralmente os Proverbios. Mas isto não é um caracter exclusivo d'esta obra; posto que a todas as composições hebraicas abrange elle. E a rasão d'isso era o cantar-se alternadamente em dois côros os hymnos religiosos; e este modo tambem proprio à harmonia musical, ao rhythmico poético, ao genio da lingua, foi adoptado para todos os generos de poesia.

* * *

E' Salomão, elle mesmo, quem nos explica n'um dos seus proverbios as principaes bellezas d'este genero de composição, dando-nos conjunctamente o preceito e o exemplo:

«Aquelle que profere a palavra a seu tempo, é como uns pomos d'ouro em leitões de prata (2).»

Os pensamentos graves e profundos tornam-se ainda mais interessantes quando os revestem um estylo puro, correcto e elegante. Todavia o principal merito do proverbio é a brevidade, visto que é destinado a ser tomado de memoria. Portanto, a brevidade é uma fórma instructiva e philosophica. Diluir o pensamento é discurso e não sentença. A sentença deve magoar como a picadura de uma abelha; e a sua acção sobre o espirito deve ser rapida e instantanea.

* * *

A apparencia surpreendente que realça os Proverbios não só é devido à brevidade d'elles senão tambem à fórma allegorica de que estam encobertos.

(1) Cap. XXIV, v. 24—25.

(2) Cap. XXV, v. 11.

A allegoria é, para assim dizer, a essência do proverbio: assim a palavra hebraica que significa proverbio, significa também comparação, e metaphora.

As allegorias espalhadas pelos Proverbios são tiradas de objectos familiares e communs, dos usos os mais vulgares; e como ellas eram destinadas ás pessoas simples, aos ignorantes, não deviam apresentar senão um sentido claro e facil a conceber. Essa fórma tão familiar que de ordinario as tornam tão amenas, é o que as põe ao alcance de toda a gente.

Aqui é, por exemplo, a allegoria tomada ao pão (XX, v. 17); a sabedoria é comparada ao mel:

«Come, filho meu, do mel, porque é bom, e do favo docissimo á tua garganta (1).»

A figueira apparece muitissimas vezes nas allegorias de Salomão; e também muitas foram tomadas ao clima ardente do paiz dos Judeus. Quantas metaphoras com relação ás chuvas, e ás fontes de agua fresca e pura, tão excellentes na Palestina?

«Assim como se fazem os repartimentos das aguas assim o coração do rei se acha na mão do Senhor: elle o inclinará para qualquer parte que quiser.

«O homem que se gloria, e não cumpre as promessas, é como o vento, e as nuvens que não trazem chuva (2).»

Estas imagens e expressões são encantadoras: ellas mostram a doce impressão que taes objectos faziam nos animos.

Tambem os animaes domesticos da Judeia, paiz montanhoso, fornecem um sem numero de comparações:

«Não ergas os teus olhos para umas riquezas, que tu não podes ter: porque ellas tomaram azas como de aguia, e voaram para o céo (3).»

* * *

Bastam estes exemplos para nos convencer que da natureza e da fórma dos Proverbios, não podia resultar obscuridade para os Hebreus. De resto, o estylo parabolico exige uma tal ou qual obscuridade; e é isso o que lhe dá o merito.

Effectivamente, é esta obscuridade muitas vezes útil porque deve picar e despertar a attenção, e porque ella exerce a acção judiciousa e ponderação do leitor.

Ordinariamente a relação inesperada que se descobre entre dois objectos que não teem nenhuma apparencia, produz uma impressão deliciosa sobre o nosso espirito.

(1) Cap. XXIV, v. 13.

(2) Cap. XXI, 1; XXV, 14.

(3) Cap. XXII, v. 6.

Apenas citaremos um só exemplo, em que dois versiculos parecem contradictorios; todavia elles apresentam um bellissimo sentido, e a fórma sob a qual se acham expostos dá um grandioso encanto ao pensamento:

«Não respondas ao louco segundo a sua loucura, por não vires a ser seu semelhante.

«Responde ao louco segundo a sua loucura, para que elle não fique entendendo que é sabio (4).»

* * *

Proverbios ha que tiram toda a sua força e vivacidade da comparação:

«Melhores são as feridas feitas pelo que ama, do que os osculos fraudulentos do que quer mal (5).»

Por vezes certas imagens ennobrecem e elevam o pensamento:

«Coroa de dignidade é a velhice, a qual se achará nos caminhos da justiça.

«Os filhos dos filhos são a coroa dos velhos; e a gloria dos filhos são os paes d'elles (6).»

Ora são amenas as imagens tomadas ao clima e a outros objectos interessantes:

«Na alegria do semblante do rei está a vida: e a sua clemencia é como a chuva serodea.

«Assim como é terrivel o bramido do leão, assim também o é a ira do rei: e do mesmo modo que o orvalho cahe sobre a herva, assim anima igualmente o seu ar prazenteiro (7).»

Ora as comparações dam ao sentido uma forma espirituosa:

«A parabola na boca dos insensatos, é como se nascesse um espinheiro na mão d'um homem embriagado (8).»

Outras vezes é o sentido ao mesmo tempo nobre e espirituoso:

«O que se compadece do pobre, dá o seu dinheiro a juro ao Senhor: e este lhe tornará com onzena o que elle lhe tiver emprestado (9).»

Emfim os Proverbios, quer sejam ou não acompanhados de imagens, teem quasi sempre um sentido profundo:

«De que serve ao insensato o ter grandes riquezas, se elle não póde comprar com ellas a sabedoria?

«São muitos os que honram a pessoa do poderoso, e os que são amigos do que reparte dadas (10).»

* * *

O que parece é que os proverbios, parabolas ou maximas do rei Salomão, excederam a tres mil: cre-se que entre

(1) Cap. XXVI, 4-5.

(2) Cap. XXVII, 6.

(3) Cap. XVI, 31; XVII, 6.

(4) Cap. XVI, 15; XIX, 12.

(5) Cap. XXVI, 9.

(6) Cap. XIX, 17.

(7) Cap. XVII, 16; XIX, 6.

estes preceitos de moral se deviam achar um grande numero de ditos populares, colleccionados por este principio; e esta asserção tem achado adeptos entre os que tem tido occasião de observar o espirito e os costumes dos Israelitas modernos, e particularmente os que habitam Portugal, a Allemanha, a Polonia e a Russia.

Como deixar de reconhecer-se n'esses judeus degenerados, certos vestigios do ingenho sentencioso, agudo e grave que caracterizava, geralmente, a poesia philosophica dos Hebreus, e que ditava, ha tres mil annos, esses proverbios tão verdadeiros e tão profundos?

Seja como fôr, os proverbios de Salomão tornaram-se populares entre os modernos. E quem esquecera os seguintes, tão dignos de memoria?

«O numero dos fatuos é infinito.

«O renegado para nada serve; as suas acções desmentem-lhe a boca.

«A mulher formosa e insensata, é como um anel d'ouro na tromba d'uma porca.

«Um bocadinho de pão secco com alegria val mais do que uma casa cheia de banquetes com pelepas.

«O cavallo prepara-se para o dia da batalha: mas o senhor é que dá a victoria.

«Com o perfume e variedade de cheiros se deleita o coração: e com os bons conselhos do amigo se banha a alma em doçura.»

* * *

Voltaire não quiz crer que fossem os Proverbios da lavra de Salomão! «Como acreditar—exclamava elle—que um rei esclarecido tenha composto uma colleção de sentenças nas quaes se não acham uma só concernente á fórma de governo, á politica, aos habitos dos corteãos, e usos da côrte?»

Esta nota prova que o critico não lera, ou havia lido com lastimosa negligencia e precipitação o Livro dos Proverbios.

O que são, pois, com effeito, as maximas seguintes?

«Quem calca aos pés os povos, excita a ira, e produz discordias; a misericordia e a verdade são as guardas dos reis, e a justiça é o sustentaculo do throno; sem a justiça não ha civilização para os povos; um rei justo faz a prosperidade dos seus estados.»

E esta? «Na multidão do povo está a dignidade do soberano.»

Esta ainda? «O rei, que ouve de boamente as palavras da mentira, só os impios tem por ministros.»—isto é, injustos, desleaes, e inimigos do bem publico.

De tudo isto se infere que Salomão era um rei consummado na arte de reinar.

E que sentença profunda, em conclusão, esta?!

«Quando o rei julga os pobres conforme a verdade, o seu throno será firmado para sempre (¹).»

J. C. de Faria e Castro.

As Damas de Caridade

No vastissimo campo onde a Religião santissima de Jesus, exerce uma das suas mais formosas virtudes—a caridade—ergue-se como a Providencia que representa na terra, a Associação das Damas de Caridade.

Fundada em 1617 pelo santo da Caridade, Vicente de Paulo, tem esta associação atravessado os seculos, navegando em mar azulado de prosperidades, e abysmando-se ás vezes, impellido pelos acontecimentos politico-revolucionarios, que tem mais que uma vez tomado o passo aos mais arrojados empreendimentos da caridade christã.

Como, porém, as cousas de Deus não morrem, porque, quando por Elle inspiradas são desde logo selladas com o cunho da immortalidade, em 1851, por impulso de uma senhora nobre era restabelecida a obra das Damas de Caridade em Pariz, e nove annos depois, graças ao trabalho, á boa vontade, ao espirito evangelico das novas Damas de Caridade, haviam-se fundado trinta e uma casas de Irmãs da Caridade, que são as auxiliares das Damas de Caridade, onde estas não podem exercer o seu mister, e para fazer face ás despesas d'estas 31 casas, do seu pessoal, e para enxugar muita lagrima, para acudir a muita miseria, para salvar da desgraça muitos infelizes, para sustentar azylos, escolas, hospitaes, etc., etc. esta christã associação dispendeu, só no anno de 1860, a importante somma de 76 contos de réis!

E tudo isto á custa da esmola do rico, que revertia em beneficio do pobre.

A semente lançada á terra pelo apostolo de caridade principiou de dar frutos esplendidos e a propagar-se com rapidez vertiginosa, estabelecendo-se a Associação das Damas de Caridade em grande numero de cidades de França, e em quasi todos os paizes da Europa e da America.

Lisboa conta tambem entre as suas obras de caridade christã esta sympathica agremiação, de que fazem parte as se-

nhoras da mais alta sociedade, segundo um relatorio que ha pouco recebemos.

Os fins são os mesmos que os das Conferencias de S. Vicente de Paulo, que já se acham espalhadas pelo nosso paiz; mas esta Associação das Damas de Caridade, tem um alcance mais vasto, faz mais do que aquellas, porque a mulher tem mais geito para exercer a caridade, e está mais nos casos para ser a mensageira de Deus na mansarda da mulher envergonhada, da donzella doente, da orphandade abandonada. Ella, a Dama de Caridade, descendo as elegantes escadarias do seu palacio, envolta em amplas roupagens, sob que sobraça os soccorros que leva aos pobresinhos, tem mais franca entrada na casa humilde do pobre, está mais á vontade junto do leito da mulher enferma, fica-lhe melhor tratar de certas obras de caridade, que os homens mal sabem tratar.

Impulsionar no coração da donzella mal encaminhada, para que entre na estrada do dever; persuadir a mulher de vida escandalosa a que vá ao templo santificar o seu viver pelo matrimonio; rogar ás mães que lhes coufem as filhinhas para que vão ás catecheses, para que se instruem nos ensinios da Religião Christã; tudo isto são cousas que melhor ficam á mulher que ao homem.

Vemos pelo relatorio que temos presente, que esta Associação, no periodo decorrido desde 1862 até 1885 dispendeu em soccorros a pessoas doentes, envergonhadas 55:767,5000 réis! E de soccorros espirituaes? os casamentos feitos durante este tempo, as creancinhas que se baptisaram e que, se não fossem as Damas de Caridade ficariam sem baptismo, o ensino do cathecismo a milhares de pequenos que se perderiam, e a conducção ao aprisco da Igreja de muitas infelizes que o mundo arrastaria á perdição, e um sem numero de obras de caridade que só a mulher sabe, pôde e quer exercer!

Louvamos acaloradamente as nobres Damas de Caridade lisbonenses, damos-lhes d'aqui freneticos parabens, e só desejavamos que tão sympathica, tão civilisadora, tão christã instituição se ramificasse por todas as cidades e vilas do nosso Portugal.

As Filhas de Maria já fazem muito, satisfazem a muitos dos deveres das Damas de Caridade, mas não é ainda com o desenvolvimento necessario para tanta miseria que o mundo tem. Se todas as grandes bolsas se abrissem as Filhas de Maria podiam ser as verdadeiras Damas de Caridade.

R.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A Igreja catholica e a medicina

(DISCURSO N'UMA ACADEMIA)

EM França uma bulha diabolica a imprensa revolucionaria ao ler o discurso que na inauguração do curso da faculdade de medicina de Clermont fizera o Dr. Imbert-Gourbéyère. Bravejaram os atheus, como em casos taes soem fazer, e alcunharam o notabilissimo discurso do sabio professor de *escandalo universitario*.

Admirando a forma brilhante do discurso, e o espirito catholico que todo elle anima, não podemos deixar de reproduzir para as columnas da nossa Revista, o final d'esse esplendido trabalho, não só para que os nossos leitores o admirem, mas tambem para ver se os revolucionarios de cá tocam a rebate como fizeram os Irm. de lá.

Eis o final do discurso:

«Não é ainda bem conhecido o que a medicina deve a Jesus Christo e á sua Igreja. A Jesus Christo nós devemos a honra d'um verdadeiro sacerdocio, a gloria d'uma confraternidade divina, a constituição christã da nossa profissão. A' Igreja devemos a conservação da sciencia antiga, a criação do ensino medico e dos hospitaes, e uma protecção constante e efficaz. Ahi está toda a nossa historia para dar testemunho d'isso; mas o pouco tempo que me resta obriga-me a indicar apenas a grandes traços os principaes factos.

Desde a sua origem, o christianismo creou uma maravilha inaudita: o exercito permanente da caridade; desde então todos os medicos fizeram parte integrante d'esse exercito. Este exercito começou pelos apostolos, e desenvolveu-se magnificamente atravez dos seculos. Hoje, eil-o organizado com todos os seus quadros, com todo o seu pessoal, mais brilhante e glorioso do que nunca.

Desde os primeiros tempos da Igreja, appareceram em Roma diaconos e diaconisas, instituidos para o serviço dos pobres e dos enfermos. Os medicos christãos auxiliavam os Lourenços, as Ignezes, as Cecilias, as Fabiolas e prodigalisavam caritativamente os soccorros da sua arte. Muitos d'elles derramaram o seu sangue em testemunho da fé. E' para a medicina a epocha da santidade e dos martyres. Um dia apparecerá esta pagina gloriosa da nossa historia com os monumentos que nos restam, com as *Acta martyrum*, os distyços e as recentes descobertas das *catacumbas*.

Quando o christianismo vencedor to-

(¹) Cap. XXIX, v. 14.

mou posse do throno dos Cezares, inaugurou-se então e durou até à queda do imperio romano um periodo muito honroso para a medicina. A florescencia da caridade christã foi maravilhosa. Cada Igreja era uma poderosa sociedade, nascida de todas as forças benelicentes do povo christão. A caridade tornou-se um ministerio publico sob a direcção do sacerdocio. Os clérigos eram destinados para as obras da caridade pelos Bispos, verdadeiros paes dos pobres. Ninguém era excluido; as donzellas, as viúvas, os leigos piedosos, do mesmo modo que aquelles parabolanos de Alexandria, dedicavam-se ao serviço dos pobres e dos enfermos. Levantaram-se em toda a parte asylos de caridade sob o nome de *Orphanotrophia*, de *Xenodochia*, de *Nosocomia*. Os medicos estavam na vanguarda d'este exercito benelicente.

Foram estabelecidos na maior parte das cidades, sob o nome de *archiatros*, e entre os *archiatros*, no grau mais elevado, os condes que marchavam na vanguarda dos personagens da corte ao lado dos duques e dos outros dignatarios.

Mas o imperio romano ia desaparecer sob a invasão dos barbaros; a Igreja desdobrava o seu manto protector sobre a sociedade perdida. Os Papas, os Bispos delivaram as invasões e pouco a pouco submetteram ao jugo de Christo os vencedores. Entretanto os Monges desbravavam a terra, fixavam em roda do mosteiro as populações errantes e conservavam em admiraveis manuscriptos os thesouros legados pela antiguidade. A medicina estava então na sua epocha monastica. A sciencia tinha-se refugiado no claustro; os medicos eram, na maxima parte, monges ou clérigos. As plantas medicinaes foram cuidadosamente cultivadas nos jardins dos claustros. Escrevia-se sobre as virtudes medicinaes d'essas plantas, e ahí estão para prova as obras de Macer Floridus, o *Hortulus* de Walafriid Strabo, e as da abbadessa santa Hildegarde. Esta medicina monastica continuou até ao seculo XV, deixando-nos o celebre tratado de antimonio de Basilio Valentim, monumento notavel de chimica e therapeutica.

Durante a idade media, a organização da caridade da Igreja produziu maravilhas. Os hospitaes espalhados por toda a parte eram dirigidos por clérigos, servidos por donzellas christãs consagradas a Deus, por sociedades de irmãs e de irmãs, servos e servas leigas dos pobres que muitas vezes se dedicavam a este ministerio por votos religiosos. Estes hospícios pouco a pouco inspiraram o estabelecimento das grandes ordens hospitaes. Viu-se então estas novas sociedades praticarem, no

vasto campo da caridade, diversas obras desde o serviço militar para a protecção dos peregrinos e guarda dos Logares Santos, até à assistencia de certos doentes de molestia contagiosa como a lepra e o fogo de Santo Antão. No seio dos hospitaes nasceram todas estas poderosas corporações, que cobriram a Europa de seus eavalleiros e a dividiram em regiões.

A ordem hospitaesira dos conegos e conegas do Espirito Santo, sabida das succursaes do hospicio do Espirito Santo de Roma; a ordem dos conegos de Santo Antão, d'um hospicio de Vienna; a ordem militar e hospitaesira de S. João de Jerusalem, procedeu d'um humilde hospicio estabelecido pelos crusados. Succedeu o mesmo com a ordem Teutonica e com a ordem de S. Lazaro.

Assim, n'essas edades de fé, a medicina teve a sua epocha de cavallaria. Viu-se então o medico, já vestido com o capello, envergar a armadura de cavalleiro, para combater assim contra os inimigos de Christo, como contra as enfermidades. Se a sciencia immobilisada nos escriptos de Hippocrates e Galiano fez poucos progressos n'essa epocha, em compensação, a dedicação elevou-se a sublimes alturas.

Entretanto inaugurava-se o ensino medico nas escholas palatinas de Carlos Magno.

Mais tarde os Papas fundaram, em toda a Europa, Universidades onde o ensino da medicina marchava a par com o da theologia e do direito. E' desde a fundação d'essas magnificas instituições do Papado, que datam os progressos da nossa sciencia. Se nós devemos à caridade christã a fundação dos hospitaes, devemos aos successores de S. Pedro a criação do ensino medico, que nos permite aprender nos hospitaes, verdadeiras fontes de saber e de experiencia.

E' d'este duplo beneficio que nascem as conquistas da medicina. Ha quatro seculos a esta parte, quantos investigadores no terreno da observação se tornaram celebres por numerosos descobrimentos!

Assim se realiso a prophcia da nossa carta de fundação, annunciando que a sciencia do medico elevar-se-hia a grande altura.

A sciencia é bella; mas ha algo que é ainda mais bello: é a dedicação. Nem todos podem attingir as eminencias da sciencia, mas todos se podem elevar ás alturas da dedicação e do sacrificio. A sciencia e a dedicação convertem a medicina n'um verdadeiro sacerdocio.

Na aurora, como na decadencia das sociedades, encontramos tres homens: o padre, o medico e o soldado; tres potencias, tres servidores sociaes, tres direcções.

O padre confunde-se muitas vezes

com o medico. Na antiguidade, entre os egypcios, a medicina era exercida pelos padres; ao passo que na Grecia, foi ensinada e praticada nos templos. No Christianismo, depois da queda do imperio romano, a maior parte dos medicos pertenciam à ordem sacerdotal. Chegaram muitas vezes ás mais altas dignidades da Igreja. Muitos medicos foram Papas.

A medicina reivindica para si Alberto o Grande, Roger Bacon, Raymundo Lullo. Entre nós, Guilherme de Baufet, natural de Aurillac, foi conego e depois Bispo da Igreja de Pariz; era medico de Philippe o Bello. Gui de Chauliac, celebre cirurgião, natural de Gevandana, nas fronteiras de Auvergne, foi capellão do Papa Clemente VI. Nos primeiros tempos da Universidade de Paris, os directores das faculdades eram todos sacerdotes.

E' notavel que, durante longos seculos, a medicina foi exercida pelo padre. A razão está na semelhança e nas intimidades dos dois sacerdocios, o de padre e do medico. Se hoje o medico não é padre, no sentido absoluto da palavra, é-o de certo modo. Como o sacerdote, o medico é de instituição divina, porque o Altissimo o creou, *creavit enim illum Altissimus*. E' ministro de Deus como disse Galiano, pois que sara e cura em nome d'Aquelle que dá a saude.

Como o sacerdote, administra sacramentos em certo sentido. O que são os medicamentos senão signaes sensiveis aos quaes estão annexas por virtude divina as graças medicinaes?

E demais: não escuta o medico a confissão de muitas miserias phisicas, e os seus labios não são igualmente obrigados ao sigillo profissional?

No dia memoravel em que Jesus Christo fundou o apostolado, enviou os seus discipulos a *pregar o reino de Deus, e a curar os enfermos*.

Meus senhores, nós recebemos a mesma missão, e ha dezoito seculos, os medicos, operando curas, annunciaram o reino de Deus; annunciaram-no ainda hoje.

Quando a sciencia denuncia os perigos e os excessos de todos os agentes humanos, que faz elle senão pregar o reino divino pelos bons costumes, no interesse dos individuos, da sociedade e das gerações futuras?

Bem vêdes que a medicina é um sacerdocio, um apostolado.

De mais, a medicina é incessantemente consultada pela theologia, pela justiça, pela economia politica, pelos governos; é a luz que se projecta sobre immensas e transcendentales questões. D'este modo se realisa tambem a prophcia da nossa carta, quando diz que a sciencia do medico será louvada, ad-

mirada em presença dos grandes, *in conspectu magnaturum*.

Ha porém um lugar, no qual o medico é elevado a uma honra suprema; escutae-me.

Hippocrates dizia: a vida é breve, a sciencia é longa: *vita brevis, ars longa*. Depois accrescentava: «E' necessario que o medico cunpra o seu dever, do mesmo modo que o doente, e os enfermeiros.» E' que o divino velho comprehendeu a necessidade do concurso de todos, para o serviço dos enfermos, serviço penivel, repugnante e muitas vezes perigoso. Estava reservada ao Christianismo a gloria de realizar este concurso multiplo pela creação do regimen hospitalar e do exercito permanente da caridade. Era pouco crear asylos para recolher os enfermos; era necessario crear dedicções para os servir. O padre, o medico, a diaconisa ou a irmã de caridade, levantam-se à voz da Igreja; d'aqui nascem os hospitaes que cobrem o mundo.

O hospital, o foco de miserias, é tambem um foco de sciencia e de dedicção. E' o Seminario e a escola do medico. E' o grande livro onde estuda as doencas ao vivo, para as conhecer e curar.

Creando os hospitaes sob o impulso da Igreja, a caridade christã serviu a sciencia e a humanidade. Estes edificios hospitalares têm geralmente o nome *Hotel-Dieu*: Deus compraz-se em recompensar n'essas casas os trabalhos dos medicos por incessantes descobertas.

O hospital é tambem um campo de batalha, que tem suas glorias e seus perigos. E' o terreno das doencas contagiosas, que muitas vezes formam focos d'inferção e epidemias. Cada anno são inscriptos na necrologia dos hospitaes numerosas victimas da sciencia e da dedicção, e quantos jovens alumnos, que, feridos pela morte de invisiveis contagios, abrem no coração de seus paes sangrentas feridas! Lá não ha logar senão para o amor da sciencia e para a dedicção christã. Não me admiro de que a maioria dos medicos tenha protestado contra essas secularisações insensatas e criminosas que entregam os pobres doentes a mãos mercenarias. Ha dezoito seculos que o medico serve os pobres em companhia do padre e da irmã de caridade: é aqui o seu posto d'honra! Tem de conservar-se n'este posto, cercado d'esta dupla aureola, e d'este duplo apoio.

Só o Christianismo pôde crear estas posições insignes.

Quereis vós um exemplo vivo?

Eil-o deante de vós.

Quando acceitei a honra de fallar, agora que inauguramos o curso das nossas faculdades, sabia que o meu dis-

curso coincidiria com o jubileu scientifico d'um dos nossos eminentes collegas: era obrigado a festejar convosco este jubileu.

Tinha a peito celebrar hoje em publico as bodas d'ouro de Victor Fleury, cirurgião em chefe do *Hotel-Dieu*, professor de chimica externa, antigo clinico interno dos hospitaes sob a direcção de Dupuytren, que foi seu mestre.

Em nome da escola de medicina, em nome dos medicos da provincia que, na maxima parte, foram seus discipulos, em nome da cidade que vós representais, nós lhes prestamos n'este momento o tributo das nossas homenagens fraternas, da nossa veneração e do reconhecimento do paiz inteiro.

Filho d'um homem celebre, conservou de camaradagem com elle, e durante longos annos em Auvergne, o sceptro da cirurgia.

Professor, vulgarizou a sciencia e enriqueceu-a de numerosos trabalhos. Foi accumulado de honras e de exitos felizes; mas o seu maior exito é o ter servido com dedicção sem igual, durante cincoenta annos, ao lado do sacerdote e da irmã de caridade, os pobres do hospital de Clermont.

Eis porque elle está collocado entre os grandes—*in conspectu magnaturum*.

E' tempo de concluir.

Sabimos do verbo que nos creou; do Christo que é o nosso chefe e o nosso modelo, da Igreja que cuidadosamente nos elevou ao sacerdocio e fundou o nosso ensino.

Depois do Christianismo, nós pertencemos a uma geração d'homens que veio não para ser servida, mas para servir; que trabalha mais pela honra do que pelo interesse, e que, a exemplo do Mestre, passa fazendo o bem.

Graças a Jesus Christo, nós temos successivamente confesores, martyres, archiatros, monges, clerigos, cavalleiros. Eis a razão porque, no meio das tristezas presentes, eu supplico aos medicos que não se separem de Nosso Senhor Jesus Christo. Que interesse teriam elles em renunciar o seu passado e o descer das alturas christãs, para se precipitarem nas abjecções do materialismo e nas loucuras do livre pensamento?

A sciencia, infallivelmente, perderia; mas nós sobre tudo, nós perderíamos a honra da nossa profissão que desceria ao mercantilismo, para terminar no desprezo.

Ha duzentos annos, um dos nossos chefes da escola clamava, na Alemanha protestante: é necessario que o medico seja christão: *medicus sit christianus*.

Meus senhores: deixo-vos sob a impressão d'esta celebre palavra de Hoffmann e termino por uma supplica:

O Christo, doutor supremo, levanta

mais e mais com as tuas mãos divinas o véo que ainda occulta tantas verdades!

O Christo, collega divino, preserva os medicos das falsas doutrinas; confrirma-os na religião, na sciencia, no sacrificio, e sêde a sua recompensa no dia immortal.»

SECÇÃO HISTORICA

A Filha de Jephthé

ESTUDO CRITICO-HISTORICO

ENTRE os factos notaveis da historia sagrada do antigo Testamento occupa um dos primeiros logares o que é relativo a Jephthé, juiz do povo israelita depois da morte de Josué que o tinha introduzido na terra da Promissão.

E' notavel este facto não só considerado em si mesmo, mas ainda pelos argumentos que lhe oppõem os censores da historia judaica, e sobre tudo muitos incredulos modernos.

Versa a questão sobre a immolação da filha de Jephthé, em cumprimento do voto que seu pae fez a Deus, antes de partir para a guerra com os Ammonitas, inimigos declarados do povo de Deus.

Realizou-se este acontecimento no anno 1187 antes de Christo. Jephthé governou a nação judaica por seis annos. Demonstraremos que a filha d'este chefe não foi verdadeiramente immolada, como parece dizer o texto sagrado da Biblia.

Convem saber que depois da morte de Josué ficou o povo hebreu por muito tempo sem ter rei nem soberano algum que o dirigisse. Cada tribu, governada por anciãos, escolhia entre si os chefes para fazer a guerra. D'este modo foram as differentes tribus reduzindo os habitantes do paiz de Chanaan.

No entanto os reis visinhos do povo israelita lhe faziam continua guerra e muitas vezes o submettiam ao seu poder. Deus então lhe suscitava de tempos a tempos pessoas de valor que o livrassem da oppressão estranha.

Em reconhecimento d'estes beneficios, o povo tomava esses individuos por juizes, isto é, soberanos magistrados que lhes administravam justiça e os governavam. Só lhes faltava o titulo de reis, pois que de resto tinham o mesmo poder e auctoridade.

Com o nome de juizes, pois, são conhecidos os chefes do povo hebreu que se succederam desde Josué até á creação do primeiro rei que foi Saul.

São nomeados os seguintes juizes: Othoniel, Aod, a varonil Debora, Gedeão, Abimelech, Thola, Jair, Jephthé, Abesan, Aialão, Abdão, Samsão, Heli e Samuel.

Os mais celebres d'estes chefes foram: Othoniel, que livrou o povo da tyrannia do rei de Mesopotamia; Aod, que o libertou da servidão dos Moabitas; Debora, que por meio do seu general Barac derrotou os Chananeus; Gedeão que, movido por Deus, destróçou os Madianitas; Samsão, que venceu os Philisteus; e finalmente Jephthé, que alcançou uma grande victoria contra os Ammonitas. Eram estes povos descendentes de Ammon, nascido do incesto da filha de Lot.

Os Ammonitas, tendo passado o rio Jordão, devastaram as tribus de Benjamin e de Ephraim. Jephthé, escolhido para chefe do povo israelita, resolveu combater aquelle povo inimigo. E tornou-se celebre não só pela grande victoria que obteve, mas tambem por um voto que fez, antes da sua partida.

Prometteu elle a Deus que, se lhe concedesse victoria contra os Ammonitas, lhe offereceria em holocausto a primeira cousa que visse sair de sua casa, quando se recolhesse a ella.

Citemos as palavras do historiador sagrado que lemos no livro dos *Juizes*:

«Jephthé fez um voto ao Senhor dizendo: Se entregar em minhas mãos os filhos de Ammon, offerecerei em holocausto ao Senhor o que primeiro sair das portas de minha casa, ao meu encontro.»

Partiu Jephthé para a guerra, vencendo e derrotando os inimigos; porem a alegria d'esta victoria se converteu logo em tristeza, porque, voltando para casa, uma filha unica que tinha, cheia de alegria pela victoria que seu pae tinha alcançado, foi a primeira que appareceu deante d'elle, com outras companheiras, dançando ao som de tambores e outros instrumentos musicos.

Vendo Jephthé sua filha, ficou ferido de dor até o intimo do coração; mas, quando ella soube o voto que seu pae tinha feito, o exhortou valorosamente a cumpril-o, e só lhe pediu dous mezes de tempo para ir chorar sobre os montes a sua virgindade, com aquellas que a acompanhavam.

Vejamos o que diz o texto:

«Jephthé rasgou os seus vestidos e lamentou sua desgraça. Sua filha pediu-lhe dous mezes para ir chorar sobre os montes a sua virgindade, com suas companheiras. Terminado este tempo, Jephthé cumpriu seu voto, e sua filha era virgem. E d'aqui teve origem, entre as filhas de Israel, o costume de chorar todos os annos, durante quatro dias, a filha de Jephthé.»

D'esta narração deduzem muitos auctores que effectivamente fôra immolada a filha de Jephthé, em cumprimento do voto. E assim parece que se deve dizer, entendendo-se à letra as expressões da nossa Vulgata.

Comtudo Nicolau de Syra, homem doutissimo, Sanetes Pagnino, não menos douto, e com elles muitos famosos criticos, com toda a erudição, teem demonstrado que a immolação d'aquella donzella foi só espirital, sendo ella consagrada a perpetua virgindade por seu pae.

E na verdade é esta interpretação a que está mais em harmonia com a sã rasão, e que finalmente não destôa do texto sagrado.

Jephthé era um homem santo, e como tal é contado pelo Apostolo S. Paulo. A mesma Escripura, no livro dos *Juizes*, testifica que elle emittira o seu voto por inspiração divina. Poderia elle ignorar que era illicito um voto cruento e sanguinario?

Jephthé não era gentio para sacrificar sua filha, pois sómente lemos dos gentios que sacrificavam seus filhos e filhas. Os sacrificios de sangue humano sempre foram prohibidos entre os judeus pela lei divina, e eram tidos em horror. Como, pois, poderia realisar-se um tal sacrificio?

De mais d'isso, tal voto não podia ser verdadeiro ou valido, que só o é quando se faz de cousa que agrada a Deus.

Quando Jephthé fizesse o voto do holocausto e o quizesse cumprir, ignorando a lei, certamente os sacerdotes o advertiriam de que não podia fazer semelhante sacrificio; e, ainda em tal caso, mandariam que remisse com ouro ou prata a sua filha, porque isto ordenava a lei em semelhantes casos, como se lê no livro do *Levitico*.

A filha de Jephthé não foi sacrificada, mas sim offerecida e consagrada a Deus, assim como outras muitas o eram. A palavra hebraica, que na Vulgata vemos traduzida em *holocausto*, tambem significa *offerendo* e oblação. E aqui temos a donzella offerecida a Deus pelo pae, e consagrada em virgindade.

Jephthé sentiu muito a imprudencia do seu voto, porque, não tendo mais que esta filha, ficava sem successão sua grande casa. A filha chorou nos montes a sua virgindade, isto é, a consagração da sua virgindade, porque os judeus consideravam como um opprobrio a infecundidade.

Alem d'isso, sendo irrevogavel e perpetua esta consagração da virgindade, hem se lhe pôde chamar morte.

Ora o texto não diz que a donzella foi chorar a sua morte, mas sim a sua virgindade, sem duvida no sentido que deixamos declarado.

Em quanto a dizer que as filhas de Israel todos os annos choravam por quatro dias, não a sua morte, mas a sua virgindade, como se lê no texto, devemos notar que a palavra, vertida

em *chorar*, tambem tem o sentido de *celebrar* a sua memoria.

A filha de Jephthé, como filha unica d'um rei ou chefe supremo de nação, devia ser estimadissima e a sua consagração sentida por todos.

Finalmente, no mesmo texto se diz que, terminados os dous mezes, a filha voltou ao pae que fez o que tinha prometido. E acrescenta: *Quæ ignorabat virum*.

Que sentido teem estas palavras? Segundo os melhores interpretes da Biblia podem traduzir-se assim: *Jephthé cumpriu o voto, e a filha ficou virgem*.

Logo pelo mesmo texto se prova que a filha de Jephthé não foi immolada corporalmente, em holocausto verdadeiro, mas sómente consagrada em virgindade ao serviço do Senhor.

Se entendermos d'outra maneira as palavras do livro santo, então devemos dizer que o voto de Jephthé foi temerario, e que a sua execução foi criminosa e culpavel.

No entanto nós vemos que o Apostolo S. Paulo louva este chefe do povo israelita; e por isso não é provavel que elle commettesse tal crime.

Comtudo, ainda n'esta hypothese seria errada a deducção dos incredulos que pretendem estar em uso entre os judeus os sacrificios humanos.

Na Escripura Sagrada não se exprime o nome da filha de Jephthé; mas Philon, doutissimo escriptor juden e contemporaneo da morte de Jesus Christo, affirma que se chamava *Scila*.

E' de presumir que assim o encontrasse em algum antigo livro hebreu.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Infames, ignorantes, ou uma e outra cousa?

Em nosso amigo teve a amabilidade de nos mandar um n.º do *Progresso de Vieira*, jornaleco mal escripto, pulhissimamente mal educado e com umas tendencias para petroleiro como muitos outros do mesmo estofa que por ahí abundam por desgraça da sociedade e vergonha d'este paiz.

Foi de certo para lermos uma correspondencia de Mathosinhos, escripta d'esta localidade no dia 24 de março, e publicada em Vieira no dia 26 do mesmo mez! Esta rapidez de *communicações* entre Mathosinhos e Vieira, dá-nos a entender que o jornaleco a que nos referimos não é impresso em Vieira, mas sim no Porto, ou, quem sabe? talvez mesmo em Mathosinhos, onde se

imprime o *Monitor de Bouças*, que é, segundo as *más* linguas, na typographia do snr. Fraga Lames, editor e proprietario da *Voz do Christão*. Quem sabe se o *Progresso de Vieira* tambem será impresso na mesma officina, e isto, com o fim muito *louvavel* dos proprietarios da *Voz do Christão* prestarem serviços nos dois campos—onde se hastea a cruz da Redempção, e onde o malheite do gran-mestrado do maçonismo se patenteia à admiração dos basbaques que não querem jesuitas nem Irmãs de Caridade?

Não podemos saber por enquanto a verdade sobre este facto; mas não nos custaria a acreditar-o, porque já não era o primeiro; seria agora o terceiro facto que faz da *Voz do Christão* um bom soldado à... Judas.

Escutemos o energumeno do rabiscador de Mathosinhos para o *Progresso de Vieira*:

«A maldita seita do infame coxo Ignacio de Loyola, patrocinada outr'ora pelo atheu, debochado, assassino e ladrão Paulo III, destacou para a formosa povoação de Leça de Palmeira quatro *irmãs de caridade*, como guardas avançadas d'essa negra milicia, que apoz só deixa o lucto, a dôr, o roubo, a associação e a morte chamada: *jesuitismo*.

«Mascaradas n'uma toalha branca e n'um habito negro, de cruz ao lado e mãos erguidas, ali chegaram essas machinas humanaes, sem crenças, vergonha e caridade, para recrutarem pobres creanças desvaíradas, para os seus antros de prostituição alcunhados de recolhimentos hospitaesiros.»

Desprezando o bravo escoucear na pobre grammatica, limitamo-nos a mostrar ao pedante sujador de papel quem foi Paulo III, o Papa a quem tão mal trata, sem saber cousa alguma de Papas, a não ser de papas de farinha miha, comida predilecta dos moleiros.

Chantrel, na sua *Historia popular dos Papas* diz o seguinte d'este grande Pontífice:

«Poucos Papas foram mais amados em Roma. Paulo III era bemfazejo e magnifico, e esmerava-se em não escolher ministros, que não fossem muito dignos. Nomeava os cardeaes sem os ter prevenido antes, olhando só ao merito. Assim nomeou: Reginaldo Paol, que teve a gloria de por um momento restabelecer o catholicismo na Inglaterra; Co-doleto, o habil e amavel secretario de Leão X; o datario Giberto, um dos mais finos politicos d'aquelle tempo; Frederico Fregoso, modelo de fervor religioso; e Gaspar Contarino, cuja nomeação fez com que dissessem os senadores venezianos, seus collegas: «A republica perde o seu melhor cidadão».

«Rodeado d'estes homens illustres, Paulo III cuidou diligentemente da abo-

lição dos abusos e occupou-se da convocação d'um concilio ecumenico.»

Eis o Papa a quem a indignidade de um rabiscador chama *atheu, debochado, assassino e ladrão!*

Das Irmãs da Caridade nada diremos, porque os tribunaes é que se deviam occupar de castigar o atrevido. N'um paiz melhor governado, onde a justiça imperasse, e onde a moralidade fosse a norma do governo, o insolente e difamador que escreveu taes insultos deveria ser chamado ao banco dos réus e mandado para os presidios africanos, porque insultou, calumniou e quiz roubar a honra e a reputação das maiores heroínas d'este seculo, das verdadeiras heroínas, porque se sacrificam pelo bem-estar dos seus irmãos.

Mas já que as leis do paiz se não cumprem ⁽¹⁾, deixando brida larga à devassidão e pelintragung da demagogia, não seremos nós, por enquanto, que façamos pagar caro, perante os tribunaes, o patifissimo proceder da canatha assalariada; mas protestamos contra o infame escripto do *Progresso de Vieira*, e pedimos aos povos do concelho cujo nome elle tem, que o expulsem de suas casas, que por todos os meios o afastem do seio de suas familias, porque é a voz de Satanaz a chamar a sociedade para a prostituição, para o desprezo de todas as noções de moralidade.

Não consintaes, povos de Vieira, tão infame papeluxo em vossas terras, e protestaes connosco contra tão torpe calumniador.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO LITTERARIA

Festa de Pentecostes, ou do Espirito Santo

1 (HYMNO)

Veni, Creator Spiritus.

Vinde Espirito Creador,
Visitae Almas fleis;
Enchei de graça celeste
Os peitos, que vós creaste
Que dito sois Paracléto,
O dom de Deus mais sublime;
Fonte viva, fogo, e amor,
Unção tambem para as almas.
Vós, que prestaes sete dons ⁽²⁾,

(1) O art. 407.º do *Codigo Penal* diz o seguinte:—«Se alguém difamar outrem publicamente, de viva voz, por escripto ou desenho publicado ou por qualquer meio de publicação, imputando-lhe um facto offensivo da sua honra e consideração, ou reproduzindo a imputação, será condemnado a prisão correccional até quatro mezes e multa até um mez.»

Já veem os pedantes e malcreados rabiscadores do *Progresso de Vieira* e de outros nojentos papeluxos, que um dia lhe pode sair caro o usar.

(2) Os sete dons do Espirito Santo são: a Sabedoria, o Entendimento, o Conselho, a Fortaleza, a Sciencia, e a Piedade.

Dedo da mão de Deus Padre,
Do Padre boa promessa,
A muitos dando eloquencia.
Dae luz aos nossos sentidos,
D'amor enchei corações,
Do nosso corpo a fraqueza
Firmae de eterna virtude.
Apartae nosso inimigo,
A paz nos dae sem demora,
Vós nos guiando adiante,
Todo o nocivo evitemos.
Por vós saibamos o Padre,
O Filho seu conheçamos,
A vós d'ambos Espirito
Em todo o tempo creiamos.
A Deus Padre dô-se gloria,
Ao Filho igual, que surgio
Dos mortos, ao Paracléto
Tambem se dê para sempre
Amen.

Raban Maur ⁽¹⁾.
(9.º seculo)

Domingo de Pentecostes

II (SEQUENCIA)

Veni, Sancte Spiritus.

Vem, ó Santo Espirito, e do ceo nos manda um raio de tua luz.

Vem ⁽²⁾, ó Pae dos pobres; vem, distribuidor dos dons, vem, ó luz dos corações.

Consolador optimo, doce hospede da alma, suave refrigerio.

Na fadiga és repouso, na calma viragão, consolação no pranto.

Ó luz beatissima, enche o intimo dos corações de teus fleis.

Sem tua graça nada ha bom no homem, nada ha innocente.

Lava pois o que é sordido, rega o que está seco, sára o que está ferido.

Abranda o que é duro, aquece o que está frio, guia o que anda errado.

Dá a teus fleis, que em ti conflam, teus sagrados sete dons.

Dá-lhes o merito da virtude, o dom da graça final, e o premio eterno. Amen. Alleluia.

Roberto, Rei de França.
(11.º seculo)



(1) Raban Maur foi bispo de Mayence, e beatificado pouco depois da sua morte em 856 em Winfeld.

Faria e Castro.

(2) «Vem». A repetição frequente d'esta palavra exprime perfeitamente o vôo da alma dos fleis para o Espirito Santo. A mesma forma de invocação se acha na oração da Egreja: «Veni, Sancte Spiritus, repletuorum corda fidelium, etc.» que é attribuida igualmente ao rei Roberto.

Faria e Castro.

A' MEMORIA DA MINHA AMIGA

GUILHERMINA DE SÁ AZEVEDO

Donzella, deixa-me vir
Meu pranto desafogar...
Não me deixes no provir
Tua lembrança olvidar,
Donzella, deixa que venha
Este tributo pagar.

Virgem, invejo-te a sorte
Q'hem soubeste merecer,
Foi ditosa a tua morte
A fé assim me faz crer;
Virgem, no mez das flores
Maria te quiz colher.

Vem anjo, vem escutar
Os rogos tristes dos teus,
Vem sua dôr mitigar
Pede por elles a Deus,
Vem anjo, não te descuides
Attende aos pedidos meus.
Amares 8 de Maio de 1887.

Maria Augusta.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Para dar publicidade á muita materia que temos para o presente numero, e para concluir a notavel Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Arcebispo de Perga, não damos gravuras d'esta vez; mas não deixaremos de indemnisar os nossos bondosos assignantes.

Vae-se tornando necessario duplicar ou o numero de paginas, ou o numero de dias da publicação; ha tanto de que tratar!...

SECÇÃO NECROLOGICA



No dia 10 do corrente, depois de prolongados soffrimentos, entregou a alma a Deus o snr. João de Freitas Guimarães, pae do director do *Progresso Catholico*.

Está, pois, de luto o nosso director e amigo Teixeira de Freitas, em nome de quem pedimos a todos os leitores da nossa Revista uma prece por alma de seu pae, esperando que nenhum dos bons leitores do *Progresso Catholico* se esqueça d'este pedido.

Tambem ha dias que fallecera em Lisboa a ex.ª sr.ª D. Maria das Dores de Mello de Souza Coutinho, senhora de muitas virtudes, fervorosa catholica e a quem o *Progresso Catholico* deve um grande numero de assignaturas, que conta entre as senhoras mais piedosas da capital.

Alistada desde o principio nas fileiras do *Progresso Catholico*, foi sempre solici-ta em promover a sua propaganda, e é a esta distincta senhora que a nossa Revista deve o ser bem espalhada em Lisboa.

Viamos o seu nome em todas as grandes obras de caridade, e foi das que mais se empenhou na creação das Irmãs da missão, que tantos serviços tem prestado. Não lhe faltará por isso a recompensa merecida.

A' ex.ª sr.ª condessa de Camarido, e a todos os parentes da finada senhora, enviamos sentidos pesames, e a todos os nossos leitores e amigos pedimos as costumadas orações, como suffragios pela alma de uma das mais dedicadas amigas do *Progresso Catholico*.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Está em Vizella, a fazer uso das magnificas aguas, o Em.º Sr. Cardinal Bispo do Porto.

Na impossibilidade de ir beijar o anel do venerando Prelado, saudamos d'aqui com a maior reverencia S. Em.ª Rv.ª desejando que ao regressar ao seio da egreja portuense seja de todo livre dos incommodos que o obrigaram a vir a Vizella.

E' um espectaculo commovente que apresenta o governo d'este reino fidelissimo no terno e paternal cuidado com que provê a todas as necessidades da Egreja e do Culto. Vejamos por exemplo o Cabido da Sé do Funchal, terceira cidade do reino! A estatistica não pode ser mais brilhante!

	π.º
Deão e dignidades.....	0
Conegos com onus de ensino..	0
Conegos sem onus de ensino .	0
Somma total...	0

Esplendido! imaginem o effeito vislumbrante que produz a cathedral do Funchal nas grandes festividades com suas 20 magnificas cadeiras de conegos—vazias! Note-se que por nenhuma parte (sem exceptuar Lisboa e Porto) a cathedral é vizitada em similhantes occasiões por tão avultado numero de estrangeiros como na Madeira. Que alta

ideia não devem formar da solicitude carinhosa d'aquelles que nos governam!

Mas então a Sé do Funchal não terá cabido nenhum? Perdão! tem. Mas todo o Rev.º Cabido em pezo, com todas as dignidades etc. entrou na Camara dos Deputados para defender os interesses da Madeira. E' o Rev.º Conego João Feliciano Teixeira que na sua unica pessoa representa todo o Cabido!

Tambem o Ex.º Bispo do Funchal por falta de pessoal deve fazer officio de Vigario Geral, Provisor de Bispado, Pregador Regio, Professor de theologia etc. etc.

Felizes tempos que atravessamos!

Ninguem nos ganha em teimosia! E por isso que se não gosta de noticias de Lourdes, por isso mesmo nós havemos de dar alguma d'essas noticias em cada n.º do nosso *Progresso*.

E' o *Diario de Lourdes* que publica a noticia seguinte, que lhe foi communicada pela Superiora das religiosas de S. José, de Bastia (Corsega):

«Uma das nossas educandas acaba de ser curada, por intercessão de Nossa Senhora de Lourdes, d'uma doença complicada que devia, segundo os medicos, arrebatá-la ao carinho da sua familia desolada e ao nosso.

«Desde o principio da doença, que se apresentou gravissima, a comunidade começou uma novena á Virgem Immaculada, com a promessa de que se a menina sarasse, os seus paes dariam uma esmola para a construcção da Egreja do Rosario, e de que annunciaríamos o facto nos *Annaes de Lourdes*.

«Gloria, amor, reconhecimento á nossa divina Mãe, consolação dos allictos! A menina está em estado de perfeita saude.

«Na manhã do dia em que os medicos, em conferencia, annunciaram a sua morte proxima, estava completamente restabelecida.

«Os medicos não poderam deixar de reconhecer o sobrenatural, n'esta cura quasi instantanea.»

Vão archivando snrs. inimigos de Lourdes, e desmintam estes factos, se podem.

E não é só por intervenção de S. SS. Mãe que Nosso Senhor faz milagres, fal-os tambem a quem a Elle se dirige directamente, como se prova com o seguinte facto, que uma respeitavel senhora da Beira Alta nos communicou:

Um zelador do Apostolado da Oração achava-se atacado de horrivel molestia, que os medicos haviam já abandonado, declarando-a incuravel. O doente, abandonado pela sciencia, recorreu ao SS. Coração de Jesus, implorou com fé e esperou com confiança, prometendo fazer umas certas obras no altar do

mesmo SS. Coração de Jesus. A supplica foi escutada no Céu, e o zelador do SS. Coração de Jesus está hoje livre de perigos e com perfeita saúde, e tendo satisfeito a promessa feita, torna publico por via do nosso *Progresso* a graça que deve ao SS. Coração de Jesus.

Tanto se falla contra as freiras, contra os conventos, e as mulheres não abrem os olhos à luz da parvulice athea. Agora são duas princezas que batem às portas do mosteiro e pedem o habito monastico, como se depreende da seguinte noticia, que gostosamente transcrevemos:

«No dia 8 do corrente devia professar solemnemente em Paris, no Mosteiro de benedictinas de Santa Cecilia de Solesmes, a irmã Benedicta Maria de Loewenstein, filha mais velha de Sua Alteza Real o Principe de Loewenstein.

Depois d'esta profissão, a quarta filha do Principe, a princeza Iguez—The-reza—Joanna—Aloizia—Michaela—Maria—José—Anna, nascida a 22 de dezembro de 1866 entraria como postulante no mesmo Mosteiro.

Suas Altezas Serenissimas o Principe e a Princeza e sua augusta familia tinham de assistir em Solesmes a estas ceremonias.»

E isto em Pariz! Falta lá a Associação liberal de Coimbra! Se o governo da republica franceza deixasse entrar em França as associações liberaes de cá sem direitos de importação... estava salva a... liberdade; mas qual, parece que os republicanos de lá querem inuitos direitos, e é por isso que as ditas ficam por cá a ladrar à... lua.

O *Monitor de Roma*, fallando do discurso ha pouco pronounciado por Bismark, diz o seguinte, que é bom archivar:

«Não diremos que o discurso de Bismark é levantado, é mais do que isso: é uma peça do mais bello estylo. O chanceller vê d'alto e ao longe. Desde o dia em que viu que o kulturkampf não podia quebrar a resistencia do povo catholico, em que fez o pacto definitivo com a Austria, em que viu na paz religiosa e na intelligencia com a Santa Sé um elemento de força granittica e um principio d'ordem; desde esse dia, isto é, depois de 1878, tenden à pacificação sempre em progressão crescente.

«O seu discurso d'hontem é o digno *pendant* dos dous discursos pronounciados, um no anno passado no Senado, outro este anno tambem no Senado prussiano.

«Estes clarões do genio, dissiparão muitos prejuizos na Europa. Ah! se a França e a Italia soubessem collocar-se

n'esta perspectiva; se, em logar de se circumscreverem ao estreito circulo dos partidos, respirassem aquelle ar vivificante, e substituíssem aos aforismos d'uma geometria politica as realidades concretas, este paiz com certeza, muito lucraria em gloria e grandeza. Opportunismo ou não, ha nos discursos de Bismark a linguagem do homem de Estado.

«Mais que nunca, vê-se que Bismark liga uma importancia extraordinaria à paz religiosa. São importantes as suas allusões à situação geral e aos partidos subversivos.

«Ha uma nova prova de que Mr. Bismark se prepara para todas as surpresas de amanhã, por sua politica d'ordem de descanso e de intelligencia. Por que é que os homens de Estado não seguem este exemplo?»

As gazetas continuam a mencionar derrotas e mais derrotas, soffridas pelo exercito italiano em Africa.

Davam as ultimas noticias um desastre pasmoso, espantoso, o que nos leva a crer que os italianos, os pobres soldados italianos estão a pagar em Africa as tropelias que o seu governo tem feito na Europa, especialmente em Roma.

As tropas aguerridas de Napoleão (do 1.º e do 3.º) principiaram a ver apagar-se a estrella que os conduzia à victoria desde que os grandes chefes da patifaria boliram ou abandonaram o Papa, e o rei Humberto não pôde ser poupado, porque Deus não dorme.

Restituam, restituam senhores revolucionarios de Italia!

Escrevem-nos do Funchal, com data de 20 de abril:

No domingo passado 17 do corrente, houve missa cantada na igreja do Collegio a que assistiu a marinhagem catholica dos navios de guerra inglezes surtos no nosso porto. Foi celebrante o Rev.º Director Espiritual do Seminario, que ao Evangelho subiu ao pulpito e dirigiu-lhes uma allocução que durou meia hora. O que lhes disse não o podemos saber, pois que ignoramos a lingua de Milton, no entanto parece-nos que começou pela Epistola e em seguida leu-lhes e explicou-lhes o Evangelho. Ficamos bastante impressionados, de ver n'esses homens só acostumados ao mar, o modo e o respeito com que assistiram tanto ao Evangelho, como à restante parte da missa. Eram em numero de 145 incluindo alguns officiaes que os acompanhavam. E' bastante para admirar que os soldados d'uma nação protestante, saibam apreciar assim a influencia da Religião, ao passo que muitos que tem o nome de catholicos e pertencentes a uma nação fidelissima,

se envergonhem de prestar culto à Religião de nossos maiores.

Communicam-nos de Cerdeira de Coja, no concelho de Arganil:

«N'esta pequena e humilde freguezia tem-se celebrado desde o principio d'este mez a santa, sublime e edificante devoção «Mez de Maria», concorrendo a ella muito povo. No dia 9 assistiram a esta devoção duas sympathicas, honestas, piedosas e modestas Irmãsinhas dos pobres, de quem o *Progresso Catholico* fallou a pag. 12 do corrente anno. Vinham pedir esmolas para sustento, vestuario e instrucção das criancinhas do seu querido collegio de Farejinho.

No dia 10 confessaram-se e communicaram assistindo ao santo sacrificio da missa. Apresentam-se na maior modestia e honestidade e com um porte exemplar e irreprehensivel. Edificante! Sublime! e Consolador! Lembraim-se de Guimarães, onde foram acolhidas respectosamente e pediram-me para as fazer recommendadas à illustre e digna Redacção do *Progresso Catholico*.»

Muito folgamos em saber que as nossas boas Irmãsinhas dos pobres são bem recebidas por toda a parte onde o *Progresso Catholico* tem levado a noticia dos grandes serviços prestados à civilização christã por estas denodadas servas do Senhor, que nunca deixaremos de recommendar a todos os nossos amigos. Mas haja cautella, que não vá alguém dizer-se Irmãs dos pobres e serem exploradoras.

Cresce, augmenta todos os dias a devoção para com a Virgem de Lourdes. A Braga chegou já uma formosa imagem de N. S. de Lourdes, e da pequena Bernardette, destinadas a uma gruta que se anda construindo no Sameiro. Foram encommendadas em França, e dizem-nos que são admiravelmente esculpturadas. Não podemos nem devemos deixar de louvar a rapidez com que se pôe em execução qualquer idéa grandiosa, e por isso felicitamos os devotos de N. S. de Lourdes, da cidade de Braga.

Dizem-nos os jornaes bracarenses que a confraria do Bom Jesus do Monte pedira auctorisação ao governo, para contrahir um emprestimo de 20 contos de réis, para progressivo andamento de obras projectadas. E' assim que se faz, caminhar, caminhar, porque o estacionamento é a morte de todas as cousas. Sirva de exemplo.

Felicitamos o nosso collega—O *Journal de Estarreja*, por haver encetado o 5.º anno de sua publicação, desejando-lhe mil prosperidades.

Falleceu ha pouco o visconde de Monte São, cavalheiro de Coimbra onde occupou varios cargos. O *Progresso Catholico* não tem nada com a morte d'este homem, nem os nossos leitores se importam que elle tenha passado a outra vida; mas damos a noticia para fazer nota uma cousa engraçada. O visconde de Monte São, fôra educado no collegio dos jesuitas, em Coimbra, e apezar d'isso foi sempre um liberalão de marca, pelejando pela revolução até à convenção de Evora Monte.

Já vê o snr. Joaquim, do *Conimbricense*, que os jesuitas, com o ensino, não deixam perder aos estudantes as idéas de... *liberdade*.

Os paes da patria vão dando um espectáculo brillantissimo na capital da monarchia. Tomaram o logar ao garotismo, os ministros e deputados, e esbofetearam-se e insultaram-se com prova de maestria.

Tambem era bom que fizessem o que fazem, para que se possa registrar alguma cousa feita pelo parlamento, além de palavriado.

O que admira é que o povo se não compenetre ainda, em face dos ultimos factos, de que isto de deputados, etc., etc. é uma das maiores comedorias que se lhe faz, e que só tem a utilidade de fazer rir a gente quando ao menos fazem rir.

As grandes nações da Europa parece que não tomam parte officialmente na exposição que se prepara em França, para commemorar a grande revolução que ensanguenta a França e a Europa, e que pejou de cadaveres as ruas das grandes cidades francezas. E' que os imperadores e os reis da actualidade escutam ainda o ranger da guilhotina, sentem o gargalhar das feras sanguinarias da França ao ver rolar no patibulo as cabeças de Luiz XVI e Maria Antonieta, e horrorisam-se ainda, ao lembrar a grande catastrophe que tombára n'um mar de sangue o throno de S. Luiz, envolto na alvissima bandeira que tremulára nos muros de Jerusalem, e fizera as glorias da França.

E' um protesto que as testas coroadas firmam contra a Revolução.

Uma sociedade de Barcelona mandou construir, em Inglaterra, um magnifico vapor, com todas as condições modernas, e que, no almirantado, foi inscripto como de primeira classe.

Este vapor, cuja lotação é de 5:500 toneladas, vae brevemente ser lançado ao mar, e, no meiado do proximo mez de maio sabirá de Barcelona para Porto

Rico, tocando em varios outros portos até regressar a Santander.

O mais importante d'esta noticia é que o vapor, esse grande vapor que vae crusar os mares tem o nome de Pio IX!!

Pio IX! E não terem vergonha de pôr a um vapor o nome do Papa, o Papa que proclamou Immaculada a Conceição da Virgem e a infallibilidade pontifical!

Pois é verdade! E não é vergonha nenhuma, a não ser para a comissão do monumento a Pio IX o Grande, creada n'esta cidade, presidida pelo snr. Arcipreste do julgado, que ha mais de dois annos não falla em monumento.

Terá vergonha a comissão?

Foi collado canonicamente, na parochial igreja de Tagilde, depois de fazer exame synodal, perante S. Ex.^{ma} Rv.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz, o nosso amigo o Rv.^{mo} Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, a quem damos sinceros parabens.

Foram presos ha dias no Porto cinco individuos, que, com o desejo de se tornarem celebres pela falta de educação, desrespeitaram a precissão do SS. Sacramento.

Estes cinco infelizes eram todos operarios, perdidos pelos pantomimeiros do protestantismo á testa dos quaes se acha o apostata Guilherme Dias, e não menos, segundo um noticiarista do Porto, pelos discursos e pamphletos dos revolucionarios de todos os matizes que tentam contra as classes operarias.

E' bom que a classe industrial se convença de que aquelles que prégam o desrespeito á Igreja são os seus maiores inimigos.

Recordam-se certamente os nossos leitores da questão havida no Porto por causa da capella da Aguardente, que a Revolução empalmou para estabelecer n'ella uma escola athea. Pois vamos dar-lhe uma noticia que prova mais uma vez que o espirito que anima os revolucionarios não é só o espirito anti-religioso; é tambem o de rapinar o que á Igreja pertence.

Vea-se o seguinte communicado que se encontra no n.º 90 do *Primeiro de Janeiro*, d'este anno:

«Snr. redactor.—No seu jornal do dia primeiro de março do corrente anno, noticia v., sob a epigraphe—Sociedade do Marquez de Pombal—que se leu e foi approvedo com o voto de muito louvor o relatório da direcção, e que esta apenas recebeu, ao tomar conta da administração, oitenta e um mil e cinco reis em dinheiro, e conseguiu angariar quan-

tia superior a dois contos e 500 mil reis, dispendidos com as obras e mobilia do edificio. Sabido é que o edificio de que aqui se falla foi outr'ora a real capella de Santo Antonio de Aguardente, construida em nossos dias, e convertida hoje em escola sob o nome que serviu d'epigraphe ao seu jornal.

Procurei obter um dos exemplares do relatório e alcancei-o; portanto, não posso deixar de perguntar á direcção da referida Sociedade pelo producto das imagens, orgão, alfaias e algumas pratas que existiam na referida capella de Santo Antonio da Aguardente, por estar convencido que não valiam menos de dois contos de reis, pois não existe do seu producto verba alguma no dito relatório.

Pergunto ainda á mesma Sociedade quando, onde e como ella tem cumprido as obrigações dos legados deixados á real capella de Santo Antonio da Aguardente, para cujo cumprimento havia meios proprios a tal fim destinados? E, como quem pergunta quer saber, e sou dos que votaram contra a secularisação da capella, sem d'isso me arrepender, fico esperando a resposta.

Porto, 13 d'abril de 1887.

Como irmão e ex-mesario da confraria de Santo Antonio da Aguardente,

Alexandre Gonçalves Salgado.

O saque, sempre o saque! A Revolução em Portugal principiou por saquear os conventos, e vae continuando a sua obra, e os irm. da escola do marquez de Pombal, no Porto, não podiam desmentir a sucia a que pertencem.

São assim todos!

O *Diario de Huesca*, Hespanha, recebeu do advogado D. Manuel Batalla Rescós a seguinte carta, que bem mostra o quanto vale o tribunal da confissão:

«Snr. Director.—Huesca, 19 de março de 1887.—Snr. meu: O Rev.^{mo} Cura-parocho da Cathedral, D. Pedro Santander, veio hontem a minha casa entregar-me onze mil reales (mais de reis 500\$000) que no tribunal da penitencia lhe foram entregues para os herdeiros de D. Manuel Batalla.

Como o dito snr. parocho não quiz recibo nem algum documento que provasse a entrega d'esta quantia, torno publico este facto em meu nome e no de meus irmãos.

E agradecendo a v., etc.»

Sempre é bom a gente confessar-se, quando não seja para outra cousa, ao menos para nos tirar de duvidas, se o que não é nosso nos pertence ou não.

J. de Freitas.